

Schmidt e como ele vê o mundo¹

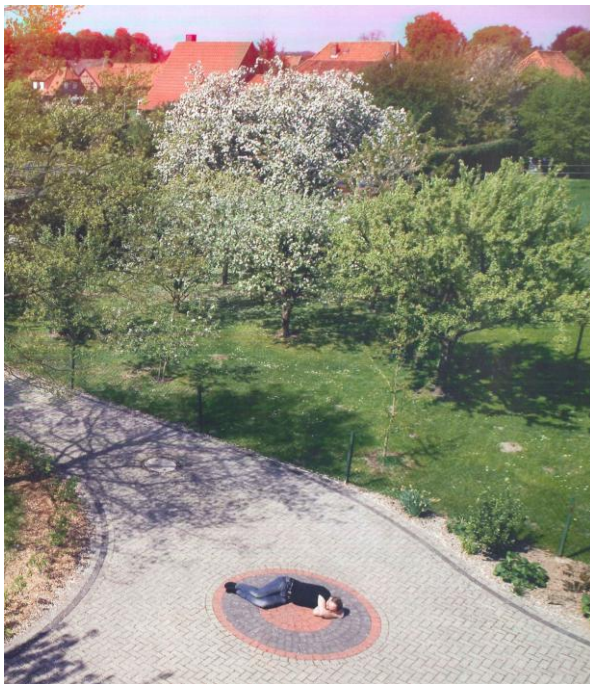
Um extraterrestre poderia sentir-se em casa aqui na Terra? Para o geocientista Peter Schmidt, esta não é uma pergunta estranha, Embora seja casado e tenha dois filhos, ele sempre se sente como um visitante de outra estrela quando está em companhia de outras pessoas. Ele descobriu há pouco por que isso é assim: Schmidt é autista. Uma história sobre a tentativa de ficar à vontade entre dois mundos.



Peter Schmidt jamais esquecerá a noite de 5 para 6 de fevereiro de 2007. Nunca antes ele teve um sonho tão esquisito. Ele está à beira de uma estrada que cruza um desfiladeiro nos Andes, no caminho da Argentina para o Chile, e reconhece o lugar imediatamente. Ele viajou por essa estrada há 10 anos com sua família e perdeu a chave do carro exatamente neste ponto, com vista para o vulcão Lanin, coberto de neve. A chave só ficou perdida por alguns minutos, mas ele ainda se lembra vividamente do pânico que sentiu na hora. Agora, no sonho, ele volta a procurar pela

¹ Romberg, Johanna (TEXTO) e Büttner, Florian (FOTOS) - Schmidt e como ele vê o mundo. GEO, nº 17, páginas 110-125. São Paulo: Editora Escala, 2010.

chave. Schmidt se debruça sobre a valeta coberta de carrapichos ao lado da estrada, afasta as moitas de capim com as mãos, e então vê o brilho metálico do objeto, no qual está gravada uma palavra estranha: ASPIRGA.



Ele ouviu essa palavra pela primeira vez há poucas horas em um filme policial na televisão, que achou por acaso ao zapear pelos canais. Em geral, ele não vê filmes de longa-metragem. Eles o entediam. As pessoas que agem na tela lhe são estranhas; suas ações parecem ilógicas e confusas. Mas esse filme foi diferente. Um dos personagens era um jovem de uns 18 anos, que mexia absorto com uma aparelhagem de testes químicos. E, enquanto o observava, Peter Schmidt teve a

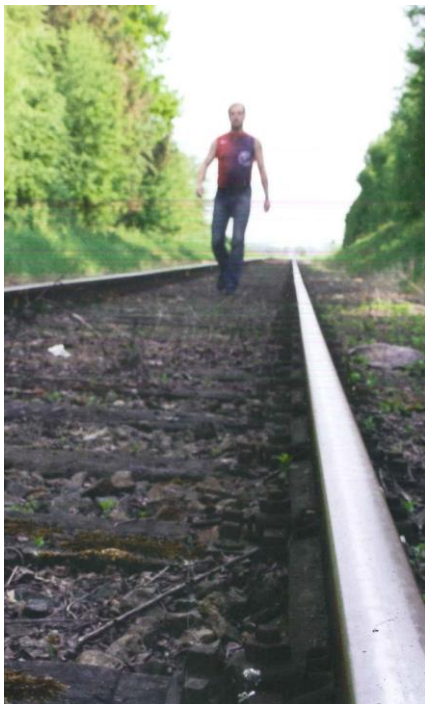
incrível sensação, pela primeira vez na vida, de se sentir imediatamente conectado e familiarizado com uma pessoa.

Esse fascínio por complexos sistemas de canos e tubulações. Os acessos de raiva quando alguém desarruma acidentalmente a meticulosa ordem na prateleira de livros. Os cochichos dos outros sobre uma "estranha conduta" e "rígidos rituais obrigatórios".

"De onde os roteiristas me conhecem?" perguntou-se Peter, estupefato, naquela noite. Esse jovem aí, esse sou eu quando tinha 18 anos. Será possível simplesmente criar imaginariamente alguém assim? E o que significa essa palavra estranha "ASPIRGA"?

Com alguma habilidade e um bom sistema de busca na Internet, até conceitos grafados erradamente podem ser rapidamente encontrados. Assim, no dia seguinte, Peter Schmidt precisou de apenas alguns minutos para descobrir que Hans ASPERGER foi um pediatra vienense que, em 1944, descreveu pela primeira vez uma forma de autismo, o distúrbio que, mais tarde, recebeu seu nome. Os autistas de Asperger não se diferenciavam em inteligência e capacidade de comunicação de "pessoas normais" e, ainda assim, percebiam o mundo de uma forma visceralmente diferente dos outros. Peter leu que esse "ser diferente" é considerado uma profunda

perturbação do desenvolvimento, porque impede os afetados pela doença de avaliar corretamente situações sociais, e se comunicar adequadamente com outras pessoas.



Schmidt lê termos como "vitalício", "deficiência" e "incurável", e, laboriosamente, percorre a lista de sintomas que confirmam o diagnóstico da "Síndrome de Asperger". Enquanto lê, sente como os seus mundos interior e exterior fossem abalados por um terrível terremoto; sente como o seu "eu" se fragmenta em milhares de pedaços, que voam em todas as direções para se recompor em uma nova imagem. A imagem que lhe é estranha e, ao mesmo tempo, dolorosamente conhecida e familiar.

À PRIMEIRA VISTA, Peter Schmidt parece reservado. Um homem de 44 anos, estatura mediana, rosto de traços regulares e um sorriso simpático, ainda que um pouco vago. Sua biografia é igualmente discreta: casado, dois filhos, uma bela casa, um título de Ph.D. e um excelente emprego em um conglomerado farmacêutico.

"O senhor está desperdiçando meu tempo", declara o neurologista que ele procura depois de fazer um autodiagnóstico. "O senhor não é autista. Autistas, Sr. Schmidt, de fato têm 'um parafuso solto'; o senhor por outro lado, tem uma família, uma casa própria, um ótimo emprego. O que o distingue de outras pessoas normais?"

Peter poderia dar muitas respostas a esta pergunta. Mas elas pouco ajudariam, pois "diferente" é um conceito amplo. Ele pode significar apartado, perturbado ou até deficiente. Mas também especial, interessante, ou genial.



SCHMIDT NASCEU em 1966, em uma cidadezinha do estado de Niedersachsen, região Norte da Federação Alemã. Quando relembra a tenra infância, a primeira coisa que lhe ocorre são canos. Tubulações de canos pintados de branco na parede, ao lado de seu bercinho. Até hoje ele consegue visualizar os desenhos do dossel de seu berço com tanta nitidez, que é perfeitamente capaz de reproduzi-los a mão. E ele vê enormes rolos compressores andando para cima e para baixo na frente da casa de seus pais.

Em geral, as pessoas balançam as cabeças, incrédulas, quando ele fala de suas lembranças. "É impossível você saber isso! Você era muito pequeno!" A maioria das pessoas não tem recordações da época que precedeu seu aprendizado da linguagem. Mas Peter Schmidt é diferente. Ele consegue até visualizar imagens de quando ainda era um bebê com tanta clareza, como se fossem fotos de um álbum.

Canos, lembra-se Schmidt, foram sua primeira grande paixão. "Quando eu estava de visita em algum lugar com os meus pais, eu não dava sossego até que alguém me levasse ao porão para que eu pudesse ver as instalações dos canos lá embaixo".

Peter é um contador vivaz de histórias. Às vezes, até parece que, sob o efeito de suas próprias palavras, ele se transforma novamente em um menino que conta euforicamente suas mais recentes aventuras. E então, subitamente, volta a ser o adulto sério e perito, que explica por que, do ponto de vista clínico, as surpreendentes características daquele menino são consideradas sintomas de uma disfunção, de uma anomalia.

Ele coloca um desenho sobre a mesa. Um autorretrato que fez na aula de Artes, em 1982. O traçado ilustra exatamente o que ele é: um ser encapsulado, no momento em que está de partida rumo a um planeta desconhecido. "O autismo de Asperger também é chamado de *'Wrong Planet Syndrome'* (Síndrome do Planeta Errado), explica, "porque pessoas afetadas se sentem como extraterrestres, inclusive em meios familiares e conhecidos". Mas naquela época, quando ainda estava em idade escolar, não existia um nome para sua estranha sensação de vida, Asperger e síndrome que leva seu nome só se tornaram conhecidos, inclusive entre especialistas, no início



as
a
da

década de 1990.

E, mesmo que os pais de Schmidt soubessem mais sobre o distúrbio naquele tempo, é pouco provável que tivessem tido a ideia de considerar seu primogênito "perturbado". Pelo contrário, eles acham que a criança não dá trabalho nenhum: o menino pode ficar horas a fio sozinho com um velho Atlas escolar no colo, que ele pesquisa com tanta avidez como outras crianças se entretém com um livro de contos de fadas. Aos 4 anos, ele já conhece a localização e os contornos físicos de todos os países do mundo, bem como suas respectivas capitais. E também aprendeu a ler sozinho, como uma coisa secundária.

Ninguém além dele percebe que o mundo ao seu redor está cheio de manchas brancas. Ao chegar ao ginásio, Peter se admira que, depois de uma semana, todos os seus colegas já estejam familiarizados uns com os outros, e precisa de meses para conseguir identificá-los prontamente. Com a ajuda de um mapa da sala de aula, que ele mesmo desenhou, ele tenta memorizar os rostos de cada aluno como se fossem vocábulos estranhos. Mas durante os intervalos e na aula de esportes fica completamente perdido. E em jogos de equipe ele, em geral, é o último a ser escalado porque não consegue distinguir seus companheiros de time dos adversários.

No entanto, o mais irritante para Peter é que as pessoas se comunicam entre si de um modo que ele não consegue compreender e que até hoje lhe é vedado. Somente desde que obteve o seu diagnóstico de autismo ele entendeu porque é assim.

Existe uma linguagem que ninguém precisa aprender, e que é entendida em qualquer lugar do mundo. Sua gramática repousa única e exclusivamente no movimento coordenado de 26 músculos faciais, além das mãos e do corpo. Suas mensagens constituem até 80% de toda a comunicação humana. A capacidade de interpretar a mímica e os gestos de outra pessoa é uma pré-condição importantíssima para se sentir empatia. E esse sentimento em relação aos outros, por sua vez, é a chave para a compreensão do próprio eu. A capacidade de sentir empatia é uma qualidade inata da maioria das pessoas. Mas não de todas.

"Eu vejo claramente que a senhora está sorrindo", declara Schmidt, "mas não consigo reconhecer o que o seu sorriso exprime. É alegre? Debochado? Irônico? Isso é algo que só posso deduzir de suas palavras".

DESDE CRIANÇA ELE SENTE com frequência que as pessoas lhe são tão estranhas como ele o é para elas. O que elas querem dizer quando afirmam "estou triste"?

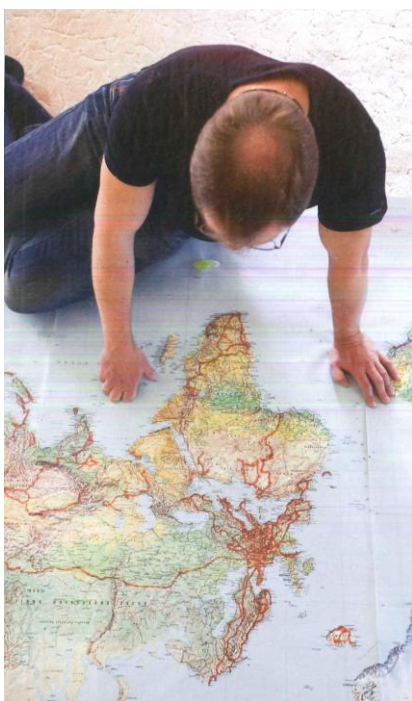
Por que às vezes chove de seus rostos? O que significa ter "um melhor amigo"? Sua mãe diz: "Você tem que se tornar mais humano! Você também tem que exprimir seus sentimentos!"

Às vezes, ele procura agradá-la, sem sucesso. Certa vez, um vizinho veio se queixar com ela, porque ele lhe desejou "um dia ruim".

"Isso não se diz" disse-lhe a mãe, em tom de advertência.

"Mas e se eu o acho um chato?" perguntou Peter. "Isso você só pode dizer de forma fioreada, disfarçada... Se é que pode dizer isso" retrucou ela.

Tendo encontrado o vizinho de novo, ele apanhou uma tulipa do canteiro mais próximo e, ao cumprimentar o homem, segurou a flor diante de sua boca e não entendeu



porque o vizinho voltou a reclamar.

QUEM JÁ VIVEU durante algum tempo no exterior sabe exatamente como é isso, essa constante sensação de ser mal compreendido, de infringir normas não escritas, mas tidas como óbvias. Ou, pior ainda, passar pela experiência de não ser levado a sério, ou ser deliberadamente excluído.

Muitos autistas não suportam o esforço e o estresse que o convívio com os "normais" lhes impõe. Eles entram em depressão, ou se recolhem em espaços pessoais bloqueados, inacessíveis aos outros.

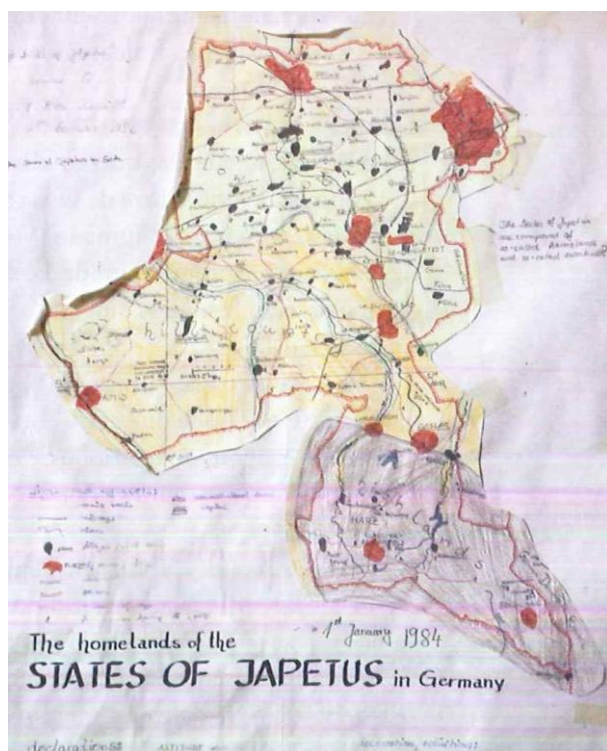
POR EXEMPLO, o país imaginário de Schmidt, "*States of Japetus*" (**SJA**). Sua Constituição de 1984 (igualmente inventada), diz, entre outros artigos:

§ 1: *Life is an adventure* (A vida é uma aventura).

§ 5: *Believe in your abilities* (Acredite em suas habilidades).

§ 22: *Don't get excited about unimportant, detailed things* (Não se exaspere por causa de coisas irrelevantes, detalhadas).

§ 32: *Be cool - come out of yourself* (Fique frio - saia de si mesmo).



Peter Schmidt redigiu a Constituição dos "States of Japetus", de 41 artigos e em inglês, quando tinha 18 anos - como uma espécie de código de vida, com estratégias de comportamentos e modos de pensar práticos. Dezenas de artigos complementares regulamentam questões concretas do cotidiano, desde estatísticas sobre construções de Lego e indicações de metas para notas escolares ("não pior que 8") até um limite para o tacômetro da bicicleta ("é obrigatório pedalar até o limite de

9.999,9km"). Por determinação do autor, o âmbito de validade da Constituição se aplica a todo o terreno paterno, de 3.000m².

Para Schmidt, os "States of Japetus", mais tarde rebatizados para "Geolucia", constituem uma zona de proteção, uma república utópica da razão pura e dos conceitos claros e inequívocos. Ao mesmo tempo, trata-se de uma estação-base para suas excursões rumo ao "mundo das pessoas", como diz seu fundador.

Talvez seja um exagero comparar Schmidt com Colombo, Darwin ou Neil Armstrong, mas ao escutá-lo falar durante algum tempo, tem-se a nítida impressão de estar diante de alguém que transita pela vida como um pesquisador percorre continentes inexplorados: com irrefreada curiosidade, paixão por colecionar objetos e fria determinação. E com a autoconfiança de um conquistador que enfrenta de maneira respeitosa as culturas estranhas, mas que também tem consciência da sua própria superioridade.

Quando ainda frequentava a escola, Schmidt decidiu viajar por todas as grandes rodovias do mundo, pela Autobahn 7, através da Alemanha; da fronteira dinamarquesa até a austríaca; pela Rodovia Panamericana, até a Rota da Seda. Para alguém como ele, que planeja tudo nos mínimos detalhes e abomina a desordem, as multidões humanas e todos os acontecimentos imprevisíveis, qualquer viagem seria, no mínimo, um extraordinário estresse. "Mas meu impulso para fazer novas descobertas, visitar desertos e vulcões, são mais fortes que minha necessidade de encarar as coisas com confiança".

Seu sonho de carreira é definido cedo na vida: ele quer ser geocientista. Não qualquer um, é claro, mas um descobridor de verdade, como o seu ídolo e modelo Alfred Wegener, que propôs a teoria da deriva continental [*movimentação dos continentes*]. Schmidt é ousado e não sem razão: desde o primeiro dia de escola ele é uma classe *per se*, tanto no raciocínio, como no aprendizado. Ele presta o vestibular como melhor aluno do ano em sua escola e conclui seus estudos universitários em tempo recorde.

Aos 17 anos, ele projeta um modelo dos movimentos no interior da Terra, que derruba a atual teoria das placas tectônicas e simultaneamente a expande de um modo genial. Mais tarde, entre seus colegas de disciplina, até mesmo os céticos acham seu esboço fascinante. Partes de sua teoria foram incluídas em sua tese de doutorado. Se o mundo da Ciência seguisse as leis de Geolucia, a carreira de Peter Schmidt certamente já teria deslanchado com a rapidez de um cometa.

Em vez disso, ele sente com frequência cada vez maior que é preciso atravessar uma enorme cordilheira serpenteando por estradas estreitas e sinuosas: o mundo das pessoas. Esse labirinto cheio de vulnerabilidades, sentimentos exagerados, pontos de atrito desnecessários, regras paradoxais.



Por que, por exemplo, ele é obrigado a trabalhar em alguma coisa em equipe, se consegue fazê-lo muito melhor sozinho? Por que suas ideias têm de ser primeiramente revisadas e corroboradas por seus iguais antes que ele possa publicá-las? Por que primeiramente tem de subir na hierarquia universitária, para só então poder fazer pesquisas independentes?

Schmidt gostaria muito de ser um solista, absolutamente solitário. Ainda assim, ele reconhece: precisa aprender a se firmar no mundo das pessoas, - se quiser concretizar suas metas profissionais. E não apenas essas. Pois ele ainda tem outro plano de vida; sim, um projeto audacioso. Ele quer se enamorar. Como pode uma pessoa que não reconhece feições e rostos transitar na sociedade? Como pode se aproximar dos outros, sem pisar em seus calos? Com aprender a manter o compasso?

O estudante Schmidt dá o passo mais lógico e viável: se inscreve em um curso de dança. De início, isso constitui um esforço monumental, pois ele não é muito musical, e reluta tremendamente em se deixar tocar. Mas ele vence o bloqueio. E, de fato, não apenas aprende a diferença entre os compassos de 3 e 3/4, mas também encontra uma parceira de dança. E ele gosta tanto dela que, em dado momento, constata que não quer mais abrir mão dela. Peter lhe diz isso, mas ela o rejeita.

Foi quando sentiu pela primeira vez na vida como é quando "chove" no rosto. E constata: essa não é uma sensação agradável.

QUANDO SE TRATA DE SENTIMENTOS, Peter Schmidt às vezes é obrigado a procurar por palavras. O que foi mesmo que ele sentiu naquele dia de agosto, há 18 anos? Simpatia? Tensão? Paixão súbita? Ele sabe que a palavra começa com a letra p.

Então ele consulta as anotações em seu computador. "Pulsações! Exato! Foi isso!" E elas o atingiram em cheio na cadeira do dentista.

Lá estava ele, sentado, esperando ser atendido, quando olhou para a jovem assistente do médico, que arrumava os instrumentos ao seu lado. E, de repente, ele percebe: poderia ser essa!

Até hoje ele não consegue explicar exatamente o que lhe aconteceu naquele momento, pelo menos não com base nas conhecidas leis da razão e da lógica. Peter presume que deve existir um nível de compreensão que está muito além das palavras, dos gestos, dos olhares. Como ele deve proceder para descobrir se suas 'pulsações'

são fundamentadas? Ele não ousa perguntar diretamente à jovem. Flerte e conversa mole são conceitos desconhecidos, que ele não domina. Mas Peter encontra alguém que o ajuda: a dona da pensão onde mora. Tendo ouvido um relato do encontro, ela telefona para o consultório odontológico e lhe arruma o número do telefone da assistente. Ainda assim, o telefonema é desconcertante para ambos.

Peter Schmidt inicia a conversa ao ler para a moça uma lista com todas as características desejáveis em sua futura mulher. "Eu não acharia bom se você fumasse. Você deve saber dançar, ou pelo menos querer aprender a fazê-lo, e gostar de viajar. Mas sou eu quem vou determinar os destinos das viagens. Férias na praia no Mar Báltico, por exemplo, seriam tabu. E você tem de estar sempre disposta a se mudar comigo, a qualquer momento, para onde eu quiser".

Ao menos, ela não desliga o aparelho imediatamente. Mas lhe diz coisas muito estranhas. Que a era do final dos tempos já teria começado e que o anúncio da boanova do Reino (de Deus?) é que determina a sua vida. Pois a jovem mulher, chamada Martina, é Testemunha de Jeová e só fala com descrentes, como ele, para convertê-los.

Então foi isso. Fim de conversa. Os dois desligam resignados. Mas algumas semanas depois, Martina liga novamente de surpresa. Ela se desvinculou das Testemunhas de Jeová - após um doloroso processo de dúvidas que havia começado muito tempo antes da primeira vez que o viu. Agora, ela anseia por uma vida normal, longe do sufocante mundo paralelo da seita. E Peter lhe parece ser refrescantemente normal.

Eles se encontram, fazem longos passeios de bicicleta, caminhadas, frequentam cursos de dança. Ela sente que ele a está testando: quanto ela gosta de viajar? Quanto mais as suas habilidades dançantes poderiam se expandir? Mas ela também percebe que ele tem uma veia romântica: nunca antes na vida ela viu tantos e tão sugestivos pores-do-sol em tão pouco tempo. Ele sempre planeja seus passeios de tal modo que eles chegam no momento exato em algum mirante especial.

Martina nem desconfia que até há pouco tempo o conceito de "amor" era tão enigmático para Peter quanto uma complexa fórmula matemática. Para decifrá-la, ele se submete a uma pesquisa atordoante, e assiste a dezenas de filmes românticos, entre eles *Pássaros feridos*, *E o vento levou* e o drama alemão *Dort oben, wo die Alpen glühen*. Peter Schmidt conclui que um grande amor precisa de romance, de uma elaborada conjunção de componentes: uma paisagem bonita e deserta de pessoas, o burburinho de água, tempo bom e seco e, claro, de um sol poente.

Para fazer seu pedido de casamento, Schmidt escolhe um lugar que reúne tudo isso: o arquipélago de Ko Phi Phi, na Tailândia. E determina o dia 14 de julho de 1993 para a cerimônia. O geofísico sabe que as estatísticas deixam prever, com grande probabilidade, um lindo dia nesta data. Além disso, ele tem uma predileção pelas cifras 1, 3, 4, 7 e 9. Ele sente a data como sendo "verde com um gramado e quente".

Mas isso ele não conta à sua noiva, pois suspeita que ela poderia achar muito estranho.

"HOJE ÀS VEZES PENSO: é bom que naquela época eu não soubesse tudo sobre ele", confessa Martina Schmidt.

É um dia cristalino de geada no final do inverno. A luz do sol incide inclinadamente na casa dos Schmidt, que é grande, bem iluminada e tão perfeitamente arrumada que, à primeira vista, chega a parecer impessoal. Não há nenhum monte de meias espalhadas no corredor, nem ruínas de Lego no tapete da sala, muito menos pilhas de louça suja na cozinha. Só os quartos das duas crianças são iguais a qualquer outro quarto infantil: coloridos, cheios e caóticos. "Meu marido e eu gostamos das coisas bem arrumadinhas", explica Martina com simplicidade.

Ela tem trinta e tantos anos e sua gentileza é contida. É uma pessoa que aparentemente prefere escutar a falar; que observa seu meio ambiente com o mesmo olhar preciso como olha para si mesma. Testemunhas disso são as fotos de família que ornamentam a sala e os diários, que ela mantém desde os 16 anos.

Martina escreveu um livro sobre suas experiências como Testemunha de Jeová. Agora ela estende sobre a mesa uma tabela que elaborou poucas semanas após o primeiro encontro com Peter: é uma lista detalhada das características positivas e negativas de seu novo namorado.

A julgar pela coluna positiva, Schmidt parece ser um parceiro de vida ideal sob muitos aspectos. Ele é inteligente, consequente, sabe se impor, ela nunca sente tédio em sua companhia e, como ele absorve fotograficamente qualquer mapa ou paisagem visitada uma vez, ninguém jamais se perde ao seu lado, seja no trânsito metropolitano de Paris ou no Deserto de Atacama. O mais importante de tudo, porém: ele é honesto. Desde o início, declara Martina, ela sentiu que esse homem jamais mentiria para ela, nem a enganaria.

Mas demora um pouco até ela perceber que sua maior qualidade também é seu maior impedimento. Toda mentira, por mais cruel que seja, sempre é também um sinal de inteligência emocional. Pois para enganar alguém, a pessoa tem que estar em condições de se colocar na situação do outro. E isso é algo que Peter Schmidt não sabe fazer. Nem hoje, nem há 18 anos.

No início, conta Martina, teria sido doloroso reconhecer que o homem de sua vida jamais poderia ler um desejo em seus olhos. Mas ela aprendeu a ver isso de forma positiva: em seu casamento não existem duelos de olhares venenosos, não há acusações mudas, indiretas ferinas ou gestos simbólicos de poder, ou seja, tudo o que torna tantos relacionamentos tão complicados. Na casa dos Schmidt, só a palavra falada vale em assuntos que dizem respeito à convivência da família.



E isso também ajudou a criar situações claras e bem definidas em outras esferas. Assim, os dois combinaram desde o princípio que a casa seria exclusivamente o reino de Martina. Não por conta das normas tradicionais do papel do homem e da mulher, mas porque Peter praticamente não tem coordenação motora: embora possa realizar mentalmente os mais complexos cálculos integrais, o simples manuseio de uma faca de cozinha já o deixa sobrecarregado.

Eles também fizeram o acordo de que ela permaneceria calma sempre que ele, mesmo sem nenhuma razão aparente, ficasse irritado, com raiva. Ela aprendeu que os sentimentos dele frequentemente o sobrecarregam tanto como os de outras pessoas. E não foi só para situações como essas que eles inventaram uma linguagem própria: se ele está irritado, cansado ou triste, ele fala apenas i, c ou t. Mas quando ele diz tti (totalmente irritado), ela sabe que é melhor deixá-lo em paz durante algumas horas.

Ainda assim, volta e meia ocorrem momentos em que a capacidade de compreensão de Martina chega ao limite.

Em 1994 e 1998, nascem as crianças. Primeiro um menino, Raphael, depois uma menina, Ramona. Peter Schmidt está eufórico. Crianças sempre fizeram parte de seu projeto de vida. Mas ele não sabe o que fazer com elas. Por que elas têm de mostrar

constantemente alguma coisa à sua mãe? Por que não ficam sentadas quietinhas em seus quartos e olham um Atlas, por exemplo. Por que, aos 5 anos de idade, ainda não conhecem pelo menos todas as capitais europeias?

De vez em quando uma delas vem correndo aos berros, por qualquer motivo, em sua direção. Nessas ocasiões ele só fica parado e sorri indefeso. São momentos como estes que deixam Martina transtornada. "Mas será que você não vê que ela está com medo?", pergunta exasperada, "Por que você é tão ignorante, tão egoísta?"

NO EPICENTRO de um terremoto, não resta pedra sobre pedra. Mas os abalos muitas vezes também expõem camadas profundas e ocultas.

Martina Schmidt vai buscar o marido na estação ferroviária. Ele trabalha como perito em software em um enorme conglomerado farmacêutico, em Frankfurt. Frustrado com a burocracia universitária, e seus contratos por tempo limitado, o geocientista havia desistido dessa carreira em 1997.

Schmidt fica calado durante um longo tempo e depois apenas diz: "Achei o motivo!"

Depois do primeiro choque, conta Martina, ela ficou aliviada com o diagnóstico. "Finalmente aquilo que sempre esteve presente, desde o começo, tem um nome". Finalmente, eles sabem que o seu jeito diferente de ser, sua frieza sentimental não é um obscuro traço de caráter, mas um sintoma da anomalia inata, que precisa ser aceita como um fenômeno da natureza.

Mas é precisamente isso que até agora é tão difícil para Peter Schmidt. Após sua primeira visita infrutífera ao neurologista, Peter procurou diretamente diversos renomados centros de pesquisa e diagnósticos de autismo, entre eles, os das universidades de Colônia e Frankfurt.

Em todos os lugares lhe foi atestado que ele é um caso típico e exemplar, saído dos compêndios da Medicina, não só porque atende a todos os critérios da Síndrome de Asperger, mas porque também exibiu muitos sintomas de um autismo pronunciado na mais tenra infância. E que, do ponto de vista clínico e humano, tudo isso faz dele um caso excepcional.

Quando Schmidt fala sobre sua vida após o "terremoto" nota-se o quanto o diagnóstico o abalou, o quanto ele ainda oscila entre os papéis contraditórios que lhe foram conferidos por meio de sua descoberta. De vez em quando, sua voz falha de tanta raiva sobre o diagnóstico que, na realidade, é um estigma: do ponto de vista dos

"normais", o autismo é considerado uma doença, uma deficiência. Schmidt odeia esses nomes, do mesmo jeito que detesta a noção de que para ele, o conquistador, existe um limite que ele jamais transporá, mesmo que use toda a sua inteligência e energia.

Ao mesmo tempo, ele parece orgulhoso de ser uma criatura limítrofe, alguém que, apesar de sua procedência do "planeta errado", conseguiu conquistar seu lugar no mundo das pessoas.

Alguém que proporciona a seus habitantes um *insight* do mundo daqueles que a vida toda se consideram extraterrestres: porque lhes falta a capacidade de se comunicar e, muitas vezes, também o intelecto para conseguir relatar aquilo que eles vivenciam, sentem, experimentam.

Esta foi uma das razões porque ele decidiu vir a público, ou "*coming-out*", como ele diz. Até o momento as reações foram todas descontraídas. Para os habitantes de sua cidadezinha natal, ele ainda é o vizinho gentil, um pouco estranho, integrante de uma família simpática. Para os colegas de trabalho e seus superiores, o diretor de projetos, altamente talentoso, é alguém a quem se pode confiar qualquer problema técnico. Mas uma coisa está clara para todos, inclusive para Schmidt: ele jamais poderá assumir uma responsabilidade emocional por outras pessoas.

Sua sede de aventuras não conhece limites. Nas próximas férias ele quer viajar sozinho com o filho para os Estados Unidos. Ali, os dois pretendem visitar os cenários de recentes jogos de computadores: estradas, mapas e complexos, mas previsíveis, mundos de fantasia. Essas são as paixões que unem os dois.

Quando o fotógrafo berlinense FLORIAN BÜTTNER saiu com PETER SCHMIDT em busca de motivos fotográficos nas proximidades do local onde este mora, ele constatou que não precisava nem de um mapa, nem de um instrumento de navegação: Schmidt tinha gravado na cabeça até os menores becos e as ruelas mais afastadas. Já a redatora de GEO JOHANNA ROMBERG, que lutou constantemente com "pin codes" e senhas, invejou o geocientista - principalmente por sua fenomenal memória para números.

AUTISMO

Os inconcebíveis outros

O fenômeno do autismo sempre gera uma sensação de surpresa e até hoje é incompreendido pela Ciência

O linguista que fala fluentemente 10 idiomas e sabe de cor 22.514 decimais do valor de pi; o gênio infantil que, aos 8 anos, toca as primeiras improvisações de Jazz ao piano; a bióloga que construiu uma máquina para vencer o receio de ser tocada fisicamente: quem só conhece o transtorno do autismo através da mídia, poderia concluir que se trata de uma forma especial de dons e talentos.

Mas a impressão engana: somente cerca de 10% de todos os autistas possuem habilidades cognitivas extraordinárias e, em geral, estas não costumam andar de mãos dadas com uma inteligência acima da média. Existe apenas uma coisa que une todas as pessoas diagnosticadas com autismo: a incapacidade de estabelecer uma adequada comunicação social com outras pessoas. Como essa limitação é inata, marcando a personalidade duradouramente, essa polarização do mundo dos pensamentos é classificada, de acordo com as atuais linhas de diagnóstico, como "um profundo distúrbio de desenvolvimento".

Em casos extremos, os afetados vivem como que encapsulados a partir dos primeiros meses de vida. Eles aprendem a falar tardiamente ou nunca, e muitas vezes apresentam certo atraso em seu desenvolvimento mental. Mas existem autistas que não são substancialmente prejudicados nem na fala, nem na inteligência. Esta forma do distúrbio é chamada de "Síndrome de Asperger".

Os limites entre o transtorno de Asperger e o autismo clássico não são claramente definidos e a gravidade dos sintomas difere de caso para caso. Tanto que peritos americanos defendem a ideia de não empregar mais o termo "Asperger", dando preferência à expressão "espectro autístico". Desse modo, eles visam expressar claramente que só existem diferenças graduais entre as diversas variantes de autismo e que a imposição proposital de linhas limítrofes entre uma e outra serve apenas para fins pragmáticos. O autismo é de difícil compreensão até hoje. Suas causas não são claras e a única certeza parece ser que certos genes e, em parte algumas doenças que a mãe possa ter durante a gestação, contribuem isoladamente ou em conjunto para a disfunção. O número preciso de autistas é desconhecido: de acordo com estimativas cautelosas, seis ou sete em cada 1.000 crianças são afetadas, sendo que há três vezes mais meninos que meninas. Mas os especialistas presumem que os verdadeiros números sejam bem mais elevados, entre outros motivos, porque o "ser diferente" de muitos autistas frequentemente é interpretado como mera bizarrice por aqueles que os cercam.